

# Trabalhando os valores humanos por meio dos jogos cooperativos

Veridiana Dallarmi Pellanda

## PROMOVER A SOLIDARIEDADE

Os jogos cooperativos, nas aulas de Educação Física, são uma alternativa à prática pedagógica existente. Promovem maior interação social, troca de idéias e diálogo e, de maneira lúdica, consciente e reflexiva, retomam valores humanos.

São defendidos por muitos autores pelo fato de propiciarem inúmeros benefícios aos alunos, pois permitem que se tornem mais solidários, amigos e livres para criar e se encantar com suas possibilidades e com as possibilidades do outro, levando ao conhecimento de todas as outras maneiras de jogar o jogo da vida, de uma forma mais humana.

quem está se prejudicando para isso.

Portanto, é fundamental que se reflita em torno destas questões e, a partir daí, se comece uma conscientização para a retomada de conceitos, valores e atitudes voltadas ao bem estar social.

Assim, a presente proposta entende que para as mudanças acontecerem a contento é necessário levar os alunos a refletirem e a compreenderem como é importante o trabalho em conjunto para atingir os objetivos propostos – tanto na escola como no seu dia-a-dia fora dela. Por isso, propõe-se a inclusão de jogos cooperativos nas aulas de Educação Física a fim de estimular a cultura da paz, contribuir para a formação integral do ser humano e propiciar uma maior interação social, levando o educando a sentir-se pertencente e atuante dentro de um grupo, dentro da sociedade.

### Uma sociedade carente de valores...

A sociedade vem atravessando inúmeras transformações que acabam desencadeando um permanente conflito. Intensas turbulências fazem com que a violência, a arrogância, a ganância, a corrupção, a exclusão, a falta de sensibilidade e o desamor estejam bem presentes no cotidiano. A falta de consciência, de formação e uma educação fragmentada estão levando o indivíduo a esquecer-se de si próprio e de sua essência, preocupando-se intensamente com o individualismo e com o materialismo que o próprio sistema (capitalista, e seu produto, o lucro) acaba gerando, o que vem afetar as relações interpessoais. Com isso, a sociedade contemporânea viu desabar os valores indispensáveis que permitem o caminho

A pedagogia da cooperação é um fenômeno que vem tomando dimensão significativa tanto na educação quanto, na Educação Física. Portanto, os jogos cooperativos são uma forma de ampliar as relações sociais, a integração e a formação integral do educando tornando-o um ser atuante e consciente de suas ações para o bem estar do meio onde vive.

A agressividade e a competição exagerada estão muito presentes em nossa sociedade. Conseqüentemente, é na escola que se refletem os problemas de um mundo superficial, materialista e carente de boas relações interpessoais. Perdeu-se a sensibilidade e as pessoas estão deixando de lado valores essenciais à vida humana, como a amizade, o respeito, a solidariedade, o companheirismo, a cooperação, a paz.

Comenta-se muito que competir é algo natural, essencial para a sobrevivência humana, estando relacionada sempre ao mais forte ao mais apto, ao melhor...

Mas, será a competição algo real-

mente natural? O homem é competitivo porque assim é a própria sociedade. Vem se comprovando, através dos tempos, que esta atitude não está contribuindo para sua formação e afirmação no meio social, e sim destruindo o pouco que resta de humanização, de sensibilidade e de emoção na vida do ser humano. Será que o melhor para nossa sociedade é se acomodar e continuar neste ritmo ou vale a pena buscar novas formas de se viver e conviver?

Em nosso meio a violência está estampada diariamente nos jornais, na televisão, no rádio, na comunidade, na família e no contexto escolar. A competição exacerbada e a arrogância contribuem para que este quadro se agrave cada vez mais, impedindo assim o bom relacionamento social e a convivência harmoniosa e solidária.

Na escola, de um modo geral, e nas aulas de Educação Física, em particular, se vê refletido o fruto dessa sociedade inconseqüente que tem o objetivo de vencer a qualquer preço, não importando a maneira e



doação de ambas as partes em prol de uma excelência na educação dos futuros adultos, fará a diferença mais tarde.

A educação em valores não é só mais um modismo, mas sim uma necessidade que se faz urgente para o bem da humanidade. Como cita CÓRIA-SABINI e OLIVEIRA (2002, p.47)

*os valores humanos são essenciais para a formação do educando, pois é por meio deles que se formam cidadãos cientes de que o respeito mútuo e a solidariedade, bem como as leis que regem a organização das relações de grupos, são os pilares de uma sociedade democrática.*

A sociedade, de modo geral, precisa compreender e começar a transformar a realidade vigente aumentando a capacidade de percepção em relação aos valores que regem a forma de viver e conviver com o outro. Segundo FREIRE e SCAGLIA (2003), acontece que grande parte dos professores (e a sociedade) tem preconceito em expressar seus sentimentos, em demonstrar amor, o que na realidade pode e deve ser ensinado, tornando-se um impulsor no processo educativo. E amar só se aprende amando, como jogar só se aprende jogando, é preciso praticar sempre. Para os autores citados (2003, p. 176)

*se a escola não pode ensinar a amar (e, além disso, não pode ensinar virtudes como prudência, a coragem, a justiça, a generosidade, a doçura, dentre outras), não vale a pena ensinar nada, pois de que vale uma mente ágil e perspicaz, cheia de informações e idéias, se o autor de tais idéias não for capaz de amar ou não for corajoso e generoso?*

Os valores são mutáveis, representam cada época histórica ou cultura, determinando uma forma de viver em harmonia (pode ser que não para todos, mas para a maioria). Portanto, a sociedade a qual pertencemos também tem regras e valores fundamentais que são indispensáveis a qualquer situação da vida. Se estes princípios forem deixados à margem, estar-se-á ferindo a liberdade e os direitos do outro, anulando as possibilidades de uma convivência saudável.

Um exemplo prático e simples: como cobrar de um aluno uma postura solidária e cooperativa dentro de um jogo ou esporte se

para a verdadeira civilização. Essa falta de valores está por todos os lados. Segundo ORLICK (1989, p. 12), a corrupção e a distorção de valores humanos existem em todos os níveis, em todos os domínios – na política, na lei, nos negócios e nos esportes. A ética competitiva de vencer tornou-se tão intensa que está ameaçando destruir nossa sociedade. Se não detivermos esse movimento, seremos rapidamente engolidos pela insanidade competitiva, e a vida não valerá a pena ser vivida.

Começa-se a pensar então por que se incomodar com tudo isso? Vamos deixar tudo como está, é bem mais fácil... Só que deixar tudo como está acarretará em um prejuízo imenso para todos. É preciso coragem, persistência, transformação e mudança de paradigmas. Isso tudo requer tempo, reflexão, aceitação e muita ação, o que dá um grande trabalho. Mas é preciso mudar, pois o mundo está carente e fragilizado e há que se construir uma cultura de paz!

É mister que se molde o caráter das crianças para que se tornem pessoas melhores e percebam que felicidade, amor, paz não são vendidos por aí, estão dentro

de cada um.

Assim, a educação entra em cena porque ela é dotada de “um papel determinante na criação da sensibilidade social necessária para reorientar a humanidade” (ASSMANN, 1999, p.26), cumprindo, desta maneira, a tarefa social emancipatória mais avançada que há. Por isso, a família não pode remeter esta função somente à escola, e a escola também não pode se abster desta importante missão. O papel de um educador hoje é muito maior do que transmitir conteúdos. É, sim, formar cidadãos, fazer a diferença na educação e na vida das crianças e/ou adolescentes que passam por suas mãos. A finalidade da educação na atualidade segundo SAI BABA<sup>1</sup> “não é o da promoção e obtenção de notas e diplomas ou a conquista de ótimos empregos, ganho de dinheiro, e sim, formar pessoas de caráter, éticas e felizes.”

O mais sensato seria, como alerta MESQUITA (2003) que houvesse uma união de esforços entre pais e professores a fim de educar e transmitir valores às crianças utilizando-se do exemplo, da ação consciente e da reflexão sobre as próprias atitudes. Este trabalho em conjunto, esta

o próprio professor fora da quadra quebra os princípios escancarando seu descompromisso com uma formação educativa? Há muito que se rever...

### **O jogo como forma de reprodução da sociedade**

O jogo, para HUIZINGA (1996, p. 03), um dos principais pesquisadores das questões lúdicas, “é o fato mais antigo que a cultura” se apresenta como uma característica inerente à natureza animal e humana, pois antes mesmo dos homens os animais já brincavam.

O jogo ultrapassa os limites do fenômeno fisiológico, biológico ou psicológico. Possui uma função significativa, uma essência própria que “transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação”. (ibidem, p.04)

Para o autor suas características principais são:

- Atividade voluntária: requer liberdade, brincar pelo prazer de brincar, sem uma ordem a ser obedecida.

- Desinteressada: pelo fato de não pertencer à vida cotidiana e por ser uma atividade temporária, realizada com fim a satisfazer alguma necessidade.

- Ocorre em espaço e tempo definidos: há um isolamento do mundo real para o jogo e o mesmo vai acontecendo até que se chegue ao fim. Recebe a característica de fenômeno cultural porque pode ser transmitido e jogado novamente.

- Constituído de regras: são de suma importância, pois determinam o que é válido durante o acontecimento do jogo. O desrespeito a estas regras acaba por desmontar a magia que está sendo vivida durante o jogo.

O conceito de jogo, segundo HUIZINGA (1996, p. 33) fica assim:

*é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida cotidiana'.*

O próprio autor reconhece, posteriormente, que o mundo exterior influencia no desenvolvimento do jogo, no sentido em que reflete a vida de um modo geral, mas não necessariamente precisa se basear nos

acontecimentos externos para acontecer.

Segundo o COLETIVO DE AUTORES (1992, p.66) o jogo é um componente de grande importância da cultura corporal, é uma invenção humana em que

*sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente.(...) O jogo apresenta-se como elemento básico para a mudança das necessidades e da consciência.*

Sendo assim, através do jogo tenta-se estabelecer uma nova oportunidade de comunicação e integração entre os seres. Estão incutidos nos jogos muitos dos valores humanos indispensáveis à vida em sociedade, bem como a reflexão e recriação do jogo da vida, uma vez que ele é um meio ideal para uma aprendizagem social positiva.

CILLA e OMEÑACA (2002) fazem em sua obra uma análise das diferentes teorias de jogo, segundo vários autores, e chegam à definição de que

*o jogo é uma atividade alegre, prazerosa e livre que se desenvolve dentro de si mesma sem responder a objetivos extrínsecos envolvendo a pessoa em sua globalidade proporcionando-lhe meios para a expressão, a comunicação e a aprendizagem.*

Consideram o jogo como uma atividade que vem unida à condição humana, o que não significa que é exclusiva de um momento histórico concreto nem de uma sociedade determinada.

Os jogos e as brincadeiras pressupõem contextos sociais e culturais provenientes do mundo adulto. Promovem uma integração do indivíduo com o ambiente que o cerca, pelo fato de estarem intimamente ligados ao contexto histórico em que são produzidos, refletindo, com isso, as relações sócio-políticas, culturais, econômicas de cada época.

Como são refletidas nos jogos as características de determinado contexto, não fica difícil de perceber que os jogos e brincadeiras de hoje apresentam (em sua maioria) um caráter agressivo, autoritário e excludente, externando os frutos de um sistema econômico competitivo e individualista.

Assim, as brincadeiras e jogos transmitidos às nossas crianças acabam por enaltecer o resultado final e a vitória a qualquer preço como prêmio do sucesso individual em cima dos demais. Há conseqüentemente, uma reprodução maciça deste sistema e dos valores nele incutidos reforçando a subjetividade.

Mas, se o jogo tem um grande poder em si, pode, obviamente, contribuir com o adverso disso tudo, promovendo valores humanos e práticas capazes de transformar a realidade. Nesse sentido ORLICK (1989, p. 182-3) salienta que

*os jogos e os esportes são reflexos da sociedade em que vivemos, mas também servem para criar o que é refletido. Muitos valores importantes e modos de comportamento são aprendidos por meio das brincadeiras, dos jogos e dos esportes. Os jogos são importantes, principalmente porque o alvo são as crianças em pleno processo de desenvolvimento, que passam horas incontáveis empenhadas em atividades de caráter esportivo. Em nossos jogos devemos pensar no tipo de sociedade que gostaríamos de ter e recomendar as crianças por comportamentos que seriam desejáveis nessa sociedade.*

Os valores implícitos na sociedade capitalista moderna apresentam uma dinâmica competitiva-excludente e acredito que não seja esta a sociedade que almejamos para nosso futuro, pois, se assim continuarmos dia após dia, nos dirigiremos a um abismo e aí não haverá mais volta.

No entanto, se nosso ideal em relação à transformação social subentende uma sociedade democrática, cooperativa, solidária, justa e feliz, isso tudo pode (gradualmente) se reverter e novas direções poderão ser tomadas. Para isso, novos jogos, brincadeiras e atividades socializadoras deverão ser incorporadas às nossas aulas com intuito de rever as práticas corporais e sociais até então entendidas como as mais verazes.

Para isso, o envolvimento de diferentes setores da sociedade será primordial a fim de humanizar as relações de trabalho e melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, baseados sempre em valores éticos.

A escola, contudo, tem dois grandes desafios (e é a ela que nos remetemos neste estudo): repensar a prática pedagógica e buscar ações concretas para desenvolver habilidades sociais nos alunos e envolvê-los na realidade que os cerca, a fim de se tornarem agentes transformadores de um mundo melhor.

Com todos estes desafios pela frente a pedagogia dos jogos cooperativos, segundo BARATA<sup>2</sup> apresenta uma importante estratégia para a promoção de ações positivas que estimulam o aprendizado de valores humanos, bem como contribuem para desmistifi-

car a competição como um comportamento “natural”, essencial para a sobrevivência do ser humano. Jogar cooperativamente propicia a percepção de que há outras formas de se relacionar com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Há o exercício de uma nova forma de convivência e o desenvolvimento da cultura da cooperação.

Quanto mais atrativo e construtivo forem os jogos e esportes muito mais pessoas por eles serão beneficiadas. Naturalmente teremos mais indivíduos felizes, amigos, confiantes e solidários.

Uma atitude competitiva, procura na verdade, tentar ganhar aquilo que a outra pessoa está se empenhando para conseguir. Arelado a isso vem o comportamento individualista que visa atingir um objetivo sem se preocupar com os outros, buscando vantagem mostrar a superioridade perante o oponente. Essa essência é observada em várias situações da vida como no jogo, no ambiente escolar e no trabalho, onde os objetivos são exclusivos, as ações individualistas e os benefícios são só para alguns (BROTTO, 2002).

Já a cooperação tem em vista trabalhar coletivamente para a obtenção de um objetivo comum. Há uma preocupação com as outras pessoas, a ênfase está no ato de ajudar. Ao participar, cooperar, partilhar de um mesmo objetivo a recompensa não vem só para si, mas para todos e isto resulta em reações positivas. Nesse sentido, os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são para todos (BROTTO, 2002).

### O jogo cooperativo

Pensar o jogo cooperativo com algo ilusório ou inatingível é simplesmente grotesco. Isso porque não é um fato novo, um modismo qualquer. Estudos relatam que tudo começou há milhares de anos principalmente entre os membros de comunidades tribais, nativos, esquimós e povoados do Ártico que se reuniam para celebrar a vida (ORLICK, 1989), estendendo-se até os dias atuais através das manifestações corporais (dança, festividades, jogos) e da vida em comunidade.

Os jogos cooperativos surgiram pela crescente valorização dada à competição sem limites e ao individualismo desmedido presente na sociedade moderna, uma vez que competimos em todos os setores da vida pessoal, social e profissional sem ao menos saber o real sentido de nossa ação,

basicamente porque se cultiva a idéia de que competir é natural do ser humano. Agimos conforme fomos ensinados, tudo o que é vinculado ao jogo tem a ver com competição e para isso o importante é vencer, sempre.

Na visão de autores como ORLICK (1989), BROTO (1999 e 2002), SOLER (2002), CILA E OMEÑACA (2002) e CALLADO (2004) os jogos cooperativos despertam valores como a solidariedade, o respeito, a união, a valorização do outro, a ação conjunta para resolução de objetivos propostos, a integração do grupo para enfrentar desafios. Através desta prática os indivíduos passam a jogar junto com o outro e não mais contra o outro, considerando-o um parceiro em vez de um adversário. Neste

o valor da ajuda mútua. As crianças ficam livres de competir, de excluir, de agredir e disponíveis para escolher e criar, pois a estrutura dos mesmos não é rígida e acabada o que estimula a autonomia, a troca e a recriação. É preciso viver o jogo, refletir sobre ele e recomeçar a jogar e viver, viver e aprender, aprender e ser...

CILLA e OMEÑACA (2002, p. 50) apresentam um mapa cognitivo que evidencia muito bem o que foi falado até aqui sobre as características do jogo cooperativo. É visível também que os autores citados caminham numa mesma direção.



momento percebem que os jogadores são mais importantes do que o jogo em si. Essas ações favorecem a confiança, a criatividade, a auto-estima, a alegria, a paz-ciência (solução pacífica de conflitos), o diálogo, a aceitação do outro, o prazer por jogar, além de ser uma excelente oportunidade para o indivíduo se encontrar consigo mesmo, com os outros e com o todo, porque neste tipo de jogo todos cooperam e ganham juntos.

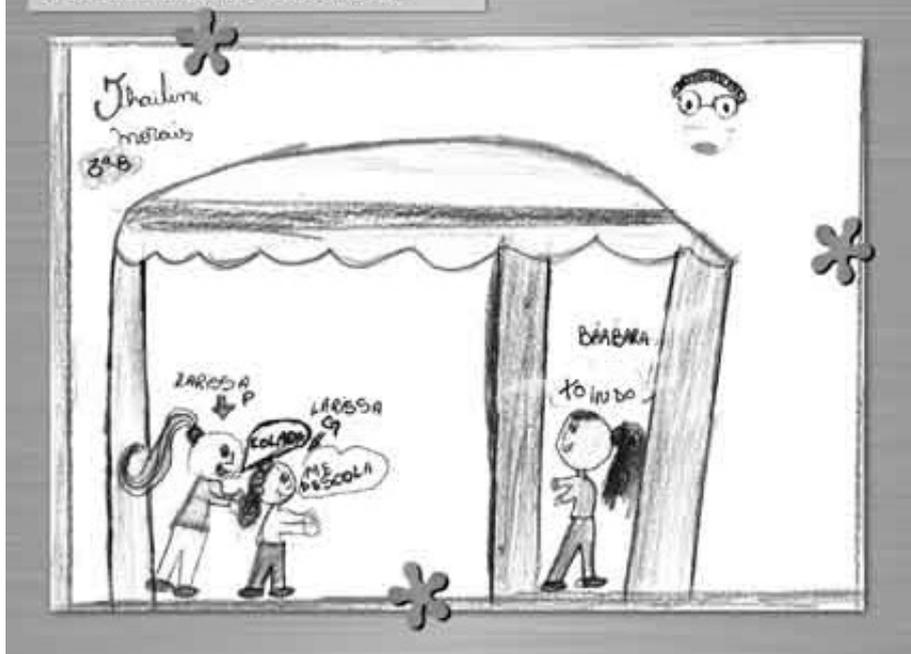
ORLICK (1990) ressalta que o mundo mágico dos jogos cooperativos gira em torno de várias liberdades que auxiliam no desenvolvimento dos bons sentimentos em relação ao outro e a si mesmo, despertando

Fica claro que a ação conjunta na resolução dos problemas torna-se bem mais eficaz, pois “ninguém joga ou vive sozinho. Bem como, ninguém joga ou vive tão bem, em oposição e competição contra outros, como se jogasse ou vivesse em sinergia e cooperação com todos” (BROTTO, 2002, p. 59). Isso nos mostra que o individualismo e a ação isolada perdem o seu espaço quando se fala em jogo cooperativo.

Analisando o que foi dito, fica a interrogação: que tipo de sociedade queremos para nós? ORLICK (1989, p. 107) responde

*em vez de criar minissociedades ou*

Thalline Moraes - 3ª B  
EM Profª América da Costa Sabóia  
Profª Maria de Jesus L. R. Fialboski



jogos, que refletem de forma pura a competitividade, a desonestidade e a cobiça da sociedade maior, por que não desenvolver jogos que criem uma miniatura das utopias em que gostaríamos de viver? Por que não criar e participar de jogos que nos tornem mais cooperativos, honestos e atenciosos para com os outros? Por que não usar o poder transformador dos jogos para ajudar a nos tornarmos o tipo de pessoa que realmente gostaríamos de ser?

CALLADO alerta que as características do jogo cooperativo favorecem não só o desenvolvimento de habilidades sociais como também “o desenvolvimento de objetivos próprios da área da Educação Física, como a melhora da condição física e a aquisição e aperfeiçoamento de habilidades motoras básicas” (2004, p. 114), uma vez que integra os alunos menos habilidosos considerados pela Educação Física tradicional, pois os desafios propostos se dirigem à superação de problemas e não de pessoas, como acontece nas atividades competitivas. Na realidade, para a nossa área esta prática é simplesmente maravilhosa, pois se está trabalhando paralelamente com os elementos da cultura corporal (jogo, esporte, ginástica, dança, luta) e desenvolvendo a reflexão, a busca por novos valores e a conseqüente transformação da realidade.

Para ABRAHÃO (2004, p.38) “na proposta de jogos cooperativos está inserida uma determinada concepção de educação, de aluno, de escola, enfim, de sociedade e de mundo”. Uma nova concepção está se formando, impregnada de mudanças e novas propostas para as aulas de Educação Física. Existem escolhas, devemos nos permitir escolher e mudar.

Para ser eficaz, compromisso e envolvimento são palavras chaves, pois acarreta uma nova orientação para o processo de ensino-aprendizagem (planejamento, objetivos, encaminhamento, avaliação) onde professor e alunos constroem a aula juntos a partir de interesses, idéias, reflexões, abdicando daquela estrutura rígida da aula tradicional. É o espaço escolar, conforme nos diz ABRAHÃO (2004, p. 39)

*o campo de intervenção educacional intencional. Dentro desta perspectiva, a aula de Educação Física na escola não é lugar para treinar o aluno para o rendimento pelo rendimento, mas ensiná-lo de forma significativa e prazerosa, onde todos possam expressar sentimentos e entendimentos.*

Quando a possibilidade de expressão e ação é dada num ambiente acolhedor e harmonioso baseado em relações de respeito, amizade e ajuda mútua, contribui-se para que se adquira autonomia, criatividade, criticidade, responsabilidade e cooperação.

Podemos propiciar isso tudo ao nosso aluno através de aulas recheadas de jogos cooperativos, uma vez que, segundo SOLER (2002, p.46-47),

*o jogo cooperativo tem o poder de transformar, e, se tornado um aliado da escola, pode contribuir para uma mudança de cultura. (...) Devemos acabar com a idéia de que nascemos para dominar os outros, todo ser humano nasce é para ser feliz, e ninguém é feliz sozinho, ou em oposição a outras pessoas.*

Não somos ilhas. Precisamos do outro para tudo. Está na hora do ser humano reconhecer suas fraquezas, aceitar veementemente a importância que as pessoas têm em sua vida, criticar e transformar este tipo de cultura perversa que preza a discriminação, a exclusão, a competição exacerbada. Caso contrário, a espécie de seres humanos confiantes, cooperativos e felizes será ameaçada de extinção.

### Considerações finais

A alternativa apresentada neste estudo é a inclusão dos jogos cooperativos no interior da escola, através da Educação Física. Isso porque a escola é um espaço que torna possível a transformação e a evolução pessoal e social dos indivíduos. É necessário, portanto, incorporar à prática pedagógica meios que venham a propiciar melhorias e alterações, bem como, sensibilização, conscientização e novas ações em prol de uma educação melhor e de uma sociedade mais justa, fraterna, solidária e cooperativa.

Um novo paradigma surge e com ele mudanças. Mudanças essas que vêm promover uma nova forma de concebermos os fatos, os jogos e o jogo da vida.

Os jogos cooperativos têm grande poder, pois possibilitam uma educação pautada em valores humanos, promovendo formas de vida baseadas na colaboração, como meio para o progresso e bem estar individual e social, tornando-se prevenção contra a baixa estima. Isso porque possibilita o trabalho em grupo, o jogar junto, a construção coletiva de novas regras, o diálogo, o que faz cada um sentir-se pertencente e aceito dentro de um grupo, inibindo o medo de errar e de se expor. Vale ressaltar que os jogos cooperativos são um excelente ponto de partida a fim de contribuir com a Educação Física para a construção de uma cultura de paz, tolerância, cooperação e solidariedade, além de serem muito bem aceitos pelas crianças.

O propósito deste trabalho não é definir qual forma de jogar (competitiva ou cooperativa) é a melhor, nem substituir uma pela outra, mas propiciar o conhecimento de outra maneira de jogar e ver o mundo. Cabe a cada um fazer sua escolha, optar pela forma que mais tem a ver com suas concepções. E por que não mesclar as duas; trabalhar um jogo competitivo de forma cooperativa? Pode e tem tudo para dar certo, o que entra em cena nesta tentativa é a visão e atitude do professor.

Por isso, solte-se, sonhe, permita-se... e faça a diferença! ✨

*"O poder dos sonhos, dos ideais, da mudança está com o povo, com as pessoas comuns... como você e eu".*

**Terry Orlick**

**Veridiana Dallarmi Pellanda** é professora da Escola Municipal Maringá, em Curitiba, e pós-graduada em Educação Física: Saber Escolar, Currículo e Didática. UFPR, 2005.

Este texto integra a monografia de Especialização em Educação Física – Saber Escolar, Currículo e Didática, intitulada *A Magia dos Jogos Cooperativos: Trabalhando os Valores Humanos através da Educação Física*, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do professor Sérgio Roberto Abrahão

1. PROGRAMA SATHYA SAI de Educação em Valores Humanos, encontrado em [www.valoreshumanos.org](http://www.valoreshumanos.org)
2. Artigo *Juegos Cooperativos en Brasil*, veiculado no site [www.cooperando.org.br](http://www.cooperando.org.br), em 17 de novembro de 2004.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Sérgio R. **A relevância dos Jogos Cooperativos na formação dos professores de educação física: uma possibilidade de mudança paradigmática**. Curitiba, 2004. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) Setor de Educação. UFPR.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação - rumo à sociedade aprendente**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BABA, Sathya Say. Encontrado no site [www.valoreshumanos.org](http://www.valoreshumanos.org) na data de 20/06/04 - 11:00.
- BARATA, Katia Maria A. **Juegos cooperativos en Brasil**. Encontrado no site [www.cooperando.org.br](http://www.cooperando.org.br) na data de 17/11/04 - 17:15.
- BRACHT, Valter. **A Constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Caderno Cedes. Ano XIX, n.º 48, Agosto/ 1999.
- BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos – Se o importante é competir o fundamental é cooperar**. São Paulo: Cepeusp, 1995/ Santos: Projeto Cooperação, 1997 (ed. Re-novada)
- BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos - O Jogo e o Esporte com um Exercício de Convivência**. Santos, SP: Projeto Cooperação, 2002.
- CALLADO, Carlos Velásquez. **Educación para a paz - Promovendo Valores Humanos na escola através da Educação Física e dos Jogos Cooperativos**. Trad. Maria Rocío Bustios de Veiga. Santos, SP : Projeto Cooperação, 2004.
- COLETIVO DE AUTORES.
- CILLA, Raúl O.; OMEÑACA, Jesús V. R. **Juegos cooperativos y educación física**. 2ª. ed. Barcelona: Paidotribo, 2002.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CÓRIA-SABINI, Maria A.; OLIVEIRA, Valdir K. **Construindo Valores Humanos na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- DARIDO, Suraya C. **Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. Perspectivas da Educação Física Escolar**. UFF. v.2, n.1, p. 5-25, 2001
- FREIRE, João B.; SCAGLIA, ALCIDES José. **Educación como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens : o jogo como elemento da cultura**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- MESQUITA, Maria Fernanda N. **Valores Humanos na Educação - uma nova prática na sala de aula**. São Paulo: Gente, 2003.
- ORLICK, Terry. **Libres para cooperar, libres para crear**. Barcelona: Paidotribo, 1990.
- ORLICK, Terry. **Vencendo a Competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- REVISTA JOGOS COOPERATIVOS. N.º 6, Ano II, 2004.
- SOLER, Reinaldo. **Jogos Cooperativos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.